

POPE ATTACKS BLURRING OF GENDER:
IDENTIDADE DE GÊNERO E LEITURA CRÍTICA NA
SALA DE AULA DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS*

*'Pope Attacks Blurring of Gender': Gender Identity
and Critical Reading in the Foreign Language
Classroom*

Fábio Santiago Nascimento**
Thaiane da Silva Socoloski**

INTRODUÇÃO

Em uma perspectiva pós-moderna, a identidade “cartesiana” como unidade sólida, fixa e centrada em um núcleo entra em colapso, dando lugar a uma nova identidade “fragmentada” (HALL, 2005). A identidade é, então, vista como um projeto do “eu” (GIDDENS, 1999), um contínuo processo de identificação. Nesse processo social e psíquico, os indivíduos buscam continuamente a “completude” da identidade por meio dos múltiplos recursos materiais (‘commodities’) e simbólicos disponíveis na sociedade (HALL, 2005, p. 35). Como consequência desse processo, diferentes identidades coexistem em um mesmo indivíduo, as quais se chocam, causando tensão e

* Dedicamos o presente trabalho à memória do Prof. José Luiz Meurer, falecido em Outubro de 2009, como reconhecimento de sua importante contribuição para a área de Linguística Aplicada no Brasil, especialmente nos estudos da ACD, e pelo modelo de profissional e homem de Letras que ele sempre foi.

** Universidade Federal de Santa Maria.

contradição. Nesse sentido, o mesmo indivíduo é constituído por múltiplas identidades que se manifestam de acordo com as situações nas quais ele interage, por meio do discurso. Discurso, aqui, entendido não apenas como uso da língua, mas sim como uma ampla construção semiótica, que compreende “modos de interagir, de falar, de agir, de acreditar, de se comportar, de se vestir etc.” (GEE, 2000, p. 7).

Se a construção da identidade é um “efeito do discurso”, a identidade de gênero é uma categoria extremamente complexa, pois articula “sexo, gênero social, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2008, p. 37-38). A identidade de gênero passa a ser vista como *performance*, um processo dinâmico de escolha no qual as identidades não são apenas definidas em termos do sexo ou função biológica (binômio homem/mulher) e das relações sociais culturalmente construídas pelo discurso (por exemplo, os papéis determinados para homens e mulheres de acordo com a divisão social do trabalho), mas também em função de como os indivíduos experienciam as suas sexualidades (desejo e prática sexual).

Essas mudanças nas identidades são consequências dos avanços tecnológicos vividos na década de 1960, tais como o advento de avançados métodos anticoncepcionais que tornaram a sexualidade “plástica” (GIDDENS, 1993) e possibilitaram, assim, que a mulher usufrísse de uma liberdade e igualdade sexuais jamais vivenciadas antes, libertando-se de algumas formas de controle social pelo homem com base no sexo biológico. A mulher, então, abandona a devoção completa à vida doméstica como mãe, esposa e dona de casa e passa, cada vez mais, a atuar no âmbito público, reivindicando seu espaço profissional e seu direito pelo prazer sexual.

Além disso, o Feminismo, em conjunto com os estudos de gênero social, exerceu papel importante no “descentramento” das identidades, ao servir de modelo para outros movimentos sociais da década de 1970 que lutavam pela legitimação dos direitos de grupos sociais minoritários como *gays*, hispânicos e negros. Tais movimentos abalaram profundamente o conceito tradicional de identidade “essencializada”, tornando a identidade uma questão de “diferença”. Nesse sentido, a identidade passou a ser uma questão de alteridade: construímos nossa própria identidade a partir do que representamos para o “outro”, nas infinitas redes de relações sociais nas quais participamos “como seres situados em um meio cultural” (MOITA LOPES, 2002, p. 198).

Se as identidades (inclusive as de gênero) estão em contínua (re) construção, a mídia assume papel central nesse processo, pois oferece um conjunto de recursos reflexivos, por exemplo: artigos de revistas, notícias

de jornais, *blogs*, programas de televisão, que influenciam diretamente nos aspectos mais íntimos da experiência dos indivíduos. Não só a aparência física é planejada e construída, mas também os relacionamentos e a sexualidade são moldados por uma variedade de discursos veiculados em textos em uma *quase interação mediada* (THOMPSON, 1995 *apud* CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 43): um grande número de pessoas dispersas temporalmente e espacialmente participam, como um “corpo de receptores”, de uma interação semelhante à interação face a face, enunciada por um produtor individual ou uma pequena equipe de produção. Neste tipo de interação, os meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, funcionam como veículos ou “pontes” entre os discursos institucionais do sistema social e os discursos da vida cotidiana e da experiência diária.

Nesse sentido, a linguagem, nas suas diversas formas (escrita, audiovisual, corporal etc.) é um recurso simbólico indispensável para a construção de “realidades” possíveis e identidades e para a mediação das atividades desempenhadas por determinados grupos sociais em contextos específicos (GEE, 2000, p. 12). A linguagem, portanto, é uma prática social (FAIRCLOUGH, 1992), “uma forma de agir no mundo” (BAZERMAN, 2005) e cabe ao professor de línguas, no papel de agente de discussões e debates, promover o questionamento de práticas sociais hegemônicas reproduzidas nos textos veiculados pela mídia, como aquelas relacionadas ao papel das mulheres na sociedade, bem como o questionamento dos estereótipos hetero/homossexuais dominantes, de forma a desnaturalizar as ideologias de senso comum. Além disso, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998), que “se constituem como o guia maior das diferentes atividades educacionais no Brasil” (BRONCKART; MACHADO, 2004, p. 140), sugerem a *orientação sexual* como um dos temas transversais a serem abordados nas práticas escolares.

Considerando o papel constitutivo da linguagem nas práticas sociais, o objetivo do presente artigo é analisar criticamente o texto midiático ‘*Pope attacks blurring of gender*’, como uma etapa preliminar, a fim de se promover a discussão do conceito de gênero social na aula de leitura em língua estrangeira. Na primeira parte do trabalho, serão apresentadas as teorias de língua e discurso que norteiam nosso exercício de leitura crítica. Na segunda parte, serão explorados dois exemplos de perguntas que podem ser utilizadas para guiar o professor de língua estrangeira ao abordar questões de gênero na sala de aula. Por fim, argumentaremos sobre as implicações e a necessidade de se discutir o conceito de gênero social sob uma perspectiva crítica no ensino de línguas.

1. LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: LINGUAGEM COMO SISTEMA SOCIOSEMIÓTICO

Na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), a linguagem é vista como um sistema sociosemiótico: um conjunto de recursos semióticos (na forma de sistemas) para a construção de significados (como palavras, cores, gestos, sons e imagens) disponíveis para o uso individual em contextos sociais específicos (HALLIDAY, 1989). Nesse viés, a linguagem estabelece uma relação dialética com a sociedade: a linguagem é constitutiva dos processos sociais e, ao mesmo tempo, tais processos sociais constituem os usos da linguagem. Cada contexto demanda das pessoas um uso específico da linguagem, mas, ao mesmo tempo, as pessoas têm a liberdade de construir contextos por meio do uso da linguagem (GEE, 2000, p. 1).

A natureza das atividades sociais das quais as pessoas participam, como uma palestra acadêmica, um debate político ou uma coluna de autoajuda sobre relacionamentos amorosos, requerem “formas” adequadas de uso da linguagem e, ao mesmo tempo, essas atividades somente existem porque as pessoas as reconhecem como tal pelo uso compartilhado da linguagem. Dessa forma, a linguagem é um “produto” e um “processo” (HALLIDAY, 1989, p. 10-11), ela é um “artefato social” (produto), algo que pode ser guardado, gravado ou até mesmo vendido na forma de textos e, também, é um contínuo exercício de escolhas (processo) nos sistemas linguístico/semiótico disponíveis.

Em uma perspectiva funcional da linguagem, as escolhas que fazemos no sistema da língua representam “dimensões de contraste” que estão relacionadas ao significado que queremos atribuir a determinado fenômeno do mundo (EGGINS, 1994, p. 17). Esse exercício consiste em escolher, em uma lista de palavras, aquelas mais adequadas para um contexto social específico de forma a alcançarmos nossos objetivos comunicativos. Por exemplo, em uma propaganda, a imagem de uma porta, vista isoladamente, não possui um sentido negativo ou positivo explícito. Entretanto, as escolhas em termos do texto verbal que acompanham essa imagem podem construir um significado específico para essa imagem: escolhas lexicais do tipo “entrada”, “aberta”, “passagem” possuem um sentido positivo no contexto de uma propaganda de cartões de crédito, ao passo que outras escolhas, como “bloqueada” e “trancada”, constroem uma ideia de impossibilidade, de limitação àqueles que não gozam dos privilégios de tal serviço bancário.

De acordo com Halliday (1989, p. 44), os falantes/escritores fazem suas escolhas no sistema da língua em termos de três metafunções da linguagem: (1) representar pessoas, objetos e acontecimentos (Ideacional); (2) estabelecer relações sociais e afiliações entre os participantes de uma

interação (Interpessoal) e (3) organizar a própria linguagem como uma unidade de texto coesa e coerente (Textual). Dessa forma, durante a análise do texto, tentaremos tornar mais evidente a conexão entre as duas primeiras metafunções¹ e o modo como as práticas sociais são representadas no texto, conforme o modelo analítico proposto pela ACD, descrito a seguir.

2. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E LEITURA CRÍTICA

A Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) emergiu no início dos anos 1990 depois de um simpósio em Amsterdã, onde um grupo de estudiosos se reuniu, dentre eles o linguista britânico Norman Fairclough, para discutir teorias e métodos de Análise de Discurso (WODAK, 2004). Em contraste com outros paradigmas da Análise do Discurso e da Linguística Textual, a ACD focaliza não só os textos como objetos de investigação, mas também focaliza o contexto de uso da linguagem como um elemento crucial. Há, conseqüentemente, uma relação dialética entre linguagem e sociedade. Assim, o discurso é concebido como prática social, que compreende sempre uma relação bidirecional entre o discurso e as estruturas sociais, isto é, o discurso é simultaneamente moldado pelas estruturas sociais e, ao mesmo tempo, as molda. Essa relação entre texto e contexto se materializa na forma de um gênero discursivo, que na perspectiva da ACD, é definido como “um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente realiza um tipo de atividade socialmente aprovada” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 161).

A ACD propõe uma abordagem socioconstrucionista ao postular que o discurso cria, reforça ou desafia: a) formas de conhecimentos ou crenças; b) relações sociais; c) identidades ou posições sociais. Esses três tipos de significados representados nos textos estão associados a duas funções da linguagem (Ideacional e Interpessoal), conforme já discutido na seção anterior. A linguagem possui uma natureza ideológica que é constitutiva, logo os

¹ Dentre as três metafunções, os dois componentes fundamentais de significado na linguagem, conforme Halliday (1994, p. xiii), são o ideacional e o interpessoal, pois, segundo o autor, a terceira metafunção (textual) serve para organizar esses dois componentes na forma de um evento comunicativo num dado contexto (HALLIDAY, 1994 p. 37): “All languages are organized around two main kinds of meaning, the ‘ideational’ or reflective, and the ‘interpersonal’ or active. These components, called ‘metafunctions’ in the terminology of the present theory, are the manifestations in the linguistic system of the two very general purposes which underlie all uses of language: (i) to understand the environment (ideational), and (ii) to act on the others in it (interpersonal). Combined with these is a third metafunction component, the ‘textual’, which breathes relevance into to the other two.” (HALLIDAY, 1994, p. xiii). Portanto, na presente análise focaremos apenas as duas metafunções básicas ou principais (ideacional e interpessoal).

textos são perpassados por jogos de poder que privilegiam certos discursos em detrimento de outros. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que os textos veiculam formas de perceber e representar o mundo, as relações e as identidades, eles também constroem ou reproduzem relações de poder que servem para a manutenção de hegemonias. Nesse sentido, um dos objetivos principais da ACD “é ‘desmistificar’ os discursos decifrando as ideologias” (WODAK, 2004, p. 236). E, portanto, cabe ao analista crítico do discurso “analisar relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, poder e controle manifestas na linguagem” (WODAK, 2004, p. 225).

Em termos do ensino de leitura, a ACD contribui fundamentalmente para a formação e emancipação do leitor crítico-reflexivo, contribuindo para uma compreensão mais completa de como a linguagem funciona, na constituição e transmissão do conhecimento, na organização das instituições sociais e no exercício do poder. Nesses termos, sua contribuição é de extrema relevância no trabalho com leitura de gêneros midiáticos (como notícias, propagandas, páginas da internet e filmes), pois a ACD evidencia que todo o discurso é um conjunto de princípios, valores e significados implícitos no texto.

Consequentemente, enquanto professores e analistas da linguagem, temos como tarefa investigar não só os textos, mas também os contextos de produção, distribuição e consumo desses textos em termos de: Quem escreve para quem? Com que objetivos? Em que circunstâncias? Por quem o texto é consumido? Pois, segundo Motta-Roth (2004), “Lemos [e escrevemos]² como gaúchos, homens, mulheres, crianças, velhos, heterossexuais, homossexuais, negros, mulatos, brancos, ricos ou remediados, progressistas ou conservadores, menos ou mais letrados” em contextos específicos, de forma a reforçar, construir ou desconstruir representações de mundo e relações de poder na sociedade. Ao focar a natureza constitutiva dos textos na sociedade para a construção de representações e relações de poder, a leitura crítica nos possibilita ultrapassar o patamar da leitura ingênua enquanto decodificação da língua para a leitura/análise dos textos como produtos de práticas sócio-históricas situadas.

3. LEITURA CRÍTICA: DISCUTINDO IDENTIDADE DE GÊNERO NA SALA DE AULA

De forma a exemplificar neste trabalho uma futura possibilidade de debate sobre identidades de gênero em sala de aula, selecionamos a

² Acréscimo nosso.

notícia online *Pope attacks blurring of gender*, retirada do site *BBC News International*, uma corporação cuja difusão de informações tem alcance internacional e cujas notícias são oferecidas gratuitamente. A escolha do texto se justifica por, pelo menos, dois motivos: primeiro, nosso interesse pelo estudo de gêneros midiáticos, no caso a notícia, e, segundo, pelo tema em discussão: identidade de gênero. Além disso, outro critério considerado para a seleção do texto foi o tamanho (no máximo duas páginas), pois visamos ao ensino de língua estrangeira no contexto da escola pública, onde uma aula de língua estrangeira dura em torno de 50 minutos, tempo insuficiente para um trabalho com textos mais longos.

Neste artigo, propomos dois conjuntos de questionamentos gerais, adaptados das perguntas propostas por Meurer (2002), para a leitura crítica do texto. Previamente à elaboração de atividades didáticas de leitura a serem aplicadas juntamente com os alunos em sala de aula (o que não se constitui como foco deste estudo), esses questionamentos têm o papel de guiar o professor em uma análise crítica pré-pedagógica do texto:

- 1) Quais identidades e papéis sociais são representados nesse texto? Que tipo de relações sociais esse texto reflete ou provoca?
- 2) Como o autor apresenta/representa o conceito de gênero social para o leitor? Quais discursos estão envolvidos no texto? Esses discursos reforçam ou criticam uma visão tradicional de gênero social?

Para responder ao primeiro questionamento acima, devemos identificar quais são os discursos e vozes presentes no texto, ou seja: **Quem são os atores sociais nesses discursos? De que lugar social eles falam? Quais eles representam?** Esta análise é relevante se considerarmos o gênero discursivo em questão, a notícia jornalística geralmente é caracterizada pela inserção de vozes, estratégia retórica utilizada pelos jornalistas na promoção de debates, a apresentação de diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema ou acontecimento (CALDAS-COULTHARD, 1997)³.

Logo no título e no lide, o Papa Bento XVI (*Pope Benedict XVI*) é um participante em evidência. Esse ator social é retomado durante toda a seção inicial do texto, em posição temática, de diversas formas: pelo referente *He* (l.1), pela nominalização *His words*⁴ (l.4) e pela metonímia *The speech*⁵ (l.8). Além do Papa, também são mencionados outros participantes, embora em menor ocorrência: os *campaigners* (l.8), militantes de grupos homossexuais

³ No caso da notícia em questão, a crítica do Papa à teoria de gênero social.

⁴ "As palavras dele", em português. As traduções dos excertos retirados do texto são de nossa responsabilidade.

⁵ "A fala/discurso".

e transexuais, e, somente após a metade do texto, a *'Rev Sharon Ferguson'* (l.28), representante do movimento cristão britânico de lésbicas e gays. Há, portanto, pelo menos duas esferas discursivas que constituem o texto, quais sejam, de um lado o discurso religioso/creacionista, defendido pelo Papa e, por outro lado, o discurso homoafetivo, representado pelos militantes e pela Reverenda.

Para melhor analisarmos as identidades sociais bem como o sistema de conhecimentos e crenças construídos e/ou desconstruídos por esses discursos, conforme proposto pela ACD, é necessário também analisar o campo semântico, as escolhas lexicais, as ações verbais realizadas pelos participantes, a modalização e modulação empregada, bem como os significados implícitos no texto.

Logo no título, o Papa é representado como alguém que critica a teoria de gêneros sociais ao fazer uso de uma metáfora de guerra, do bem contra o mal: ele é o Ator que realiza uma ação material *atacar* (*attacks*, título) e o alvo (Meta) desse ataque é a teoria. Por meio de discurso direto, o Papa relaciona a teoria de gêneros sociais com algo negativo, que pode levar o homem à autodestruição (*"self-destruction of the human race"*⁶, l.6-7 e *"own destruction"*⁷, l.19, 20). O líder da Igreja Católica rejeita ferrenhamente a teoria de gêneros (*"His words, later released to the media, emphasised his rejection of gender theory"*⁸, l.4) e, de forma a argumentar contra a visão sociodiscursiva de gênero, o Papa e/ou a Igreja Católica realizam as seguintes ações verbais e materiais: "explica" (*"explained"*, l.7), "alerta" (*"warned"*, l.5), "salienta" (*"He stressed,"* l.37), bem como "salva" (*"save"*, lide), "defende" (*"defends"*, l.17) e "protege" (*"protection"*, lide) a humanidade. Além disso, a modulação no discurso do Papa aponta para a necessidade de se reafirmar o papel da Igreja na salvação da humanidade (*"the need to save mankind from a destructive blurring of gender"* – lide) e na educação religiosa dos jovens (*"the event [World's Youth Day] should not be considered a "variant of modern youth culture, as a kind of ecclesiastical rock festival with the Pope as the star," but as the fruition of a " 'long exterior and interior path'"*⁹ – l.37-39). Dessa forma, o Papa, como representante oficial da Igreja Católica, ocupa uma posição de poder no discurso ao possuir o conhecimento necessário e a capacidade para "ensinar" o caminho certo, "salvando", assim, a raça humana da destruição.

⁶ "autodestruição da raça humana".

⁷ "própria destruição".

⁸ "As palavras dele (Papa), logo divulgadas na mídia, enfatizavam sua rejeição da teoria de gênero social".

⁹ "O evento não deve ser considerado "uma variante da cultura jovem moderna, como uma espécie de festival de rock eclesialístico, com o Papa como a estrela," mas como uma fruição de uma 'longa jornada exterior e interior'".

Para reforçar a preocupação da Igreja Católica com o “bem-estar” social, o discurso religioso do Papa se mescla com um discurso ecológico: *‘it [the Roman Catholic Church] does not only defend the earth, water and the air... but (it) also protects men from his own destruction’*¹⁰ (linhas 18-20). Por meio de um discurso politicamente correto (preservação ambiental) explícito no texto, o Papa compara o poder de destruição da teoria de gêneros, que torna discutível a clara distinção homem/mulher pelo sexo biológico, com a destruição do meio ambiente. Um discurso que mescla a proteção da natureza e da essência da raça humana é uma forma de exercer poder ideologicamente, nas palavras do Papa, de forma a legitimar a soberania e o conservadorismo da Igreja Católica que tem seus valores ameaçados pela ampla disseminação da teoria de gêneros sociais.

Há, portanto, um confronto ideológico no texto, na oposição entre a visão de mundo “essencializada” da Igreja Católica e a visão de mundo “pós-moderna” da Reverenda Sharon Ferguson, que defende a teoria de gêneros como uma forma de promover a compreensão sobre as identidades e as questões de diferença na sociedade contemporânea. Por isso, ela “descreve o discurso do Papa como totalmente irresponsável e inaceitável” (l.28-29), considerando as implicações desse discurso “antigênero” na sociedade. Entretanto, diferentemente do Papa, a Reverenda tem menos espaço para argumentação no texto. Além da crítica ao discurso do Papa, o único argumento dela apresentado na notícia é o de que a posição conservadora da Igreja Católica justifica o comportamento agressivo dos seus seguidores contra os membros da comunidade GLBT¹¹ (l. 30-31).

Nesse contexto, ao prosseguirmos em nossos questionamentos, devemos nos perguntar: **como essa teoria de gêneros criticada pelo Papa é definida (pelo jornalista) no texto? E em quais argumentos o Papa se baseia para argumentar contra a teoria de gêneros?**

O conceito de gênero social nessa notícia está diretamente ligado à ideia de *‘blurring’* (título), que remete a algo que “não se pode ver claramente, ou seja, a diferença entre duas coisas [no caso os sexos masculino e feminino]¹² se torna difícil de ser definida, é menos exata”¹³. De acordo com o texto, a teoria de gêneros “explora a orientação sexual, ou seja, os papéis atribuídos pela sociedade aos indivíduos de acordo com o gênero e de acordo com como as pessoas percebem sua identidade biológica” (l.11-13).

¹⁰ “A igreja Católica Romana não apenas defende a terra, a água e o ar, mas também protege o homem de sua própria destruição”.

¹¹ Gays, lésbicas, bissexuais e transexuais.

¹² Acréscimo nosso.

¹³ Disponível em: < <http://dictionary.cambridge.org/>>, último acesso em 06 de julho de 2009.

A partir desse momento, devemos nos perguntar: **essa concepção de gênero reforça ou desconstrói uma visão tradicional, hegemônica de gêneros sociais?** Inicialmente a ideia de *'blurring'* aponta para uma tentativa de ir contra a visão biologizante, sexista de gêneros, ao reforçar a teoria pós-moderna de que as identidades são instáveis, fragmentadas e múltiplas. No entanto, essa concepção de identidade e de gênero se torna nociva à sociedade no discurso do Papa, o qual defende a lei da natureza, da criação divina da raça humana subdividida em “homem” *versus* “mulher”, desprezando-se a possibilidade de existência de outros grupos sociais, como os “transexuais” e os “homossexuais” (os quais são considerados pecadores (*'sinful'* – 1.27) por praticarem atos homossexuais).

Pode-se concluir que predomina, no texto, uma crítica à teoria de gêneros antissexista, em prol da afirmação da hegemonia da Igreja Católica. Essa conclusão torna explícito o poder que essa Instituição exerce na Europa e, conseqüentemente, na BBC (mídia na qual a notícia foi publicada). Há ainda uma tentativa de mitigação do posicionamento radical da Igreja Católica, a fim de que prevaleçam as boas intenções de proteção da integridade da humanidade, no momento que analisamos a última seção do texto, a qual foge da questão de gênero social para tratar da popularidade da Igreja Católica em eventos como o *'World Youth Day'*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, buscamos desenvolver uma possibilidade de leitura crítica do texto *Pope attacks blurring of gender*, de forma a introduzir a discussão sobre gênero social na sala de aula de língua estrangeira. É importante salientar que a leitura proposta apresentada é apenas uma possibilidade de interpretação da discursividade presente nesse texto específico com base no aporte teórico-analítico da ACD e da LSF e dos conceitos de gênero social e identidade pós-moderna, os quais podem servir de ponto de partida para o professor na elaboração de atividades didáticas de leitura. Certamente, outras inúmeras interpretações podem ser exploradas nesse texto.

Os diferentes discursos que entram em choque no texto analisado refletem o papel ético da mídia e dos jornalistas de promover debates e discussões sobre temas controversos, envolvendo diferentes vozes e discursos que, em um primeiro momento, confere um caráter abertamente “democrático” ao texto. Não há um único autor responsável pela escritura do texto, mas um jogo de vozes que representam diferentes forças sociais em conflito (BAKHTIN, 1986). Apesar da intenção explícita da BBC de criar um terreno de

debates no texto, ao incluir vozes de indivíduos homossexuais¹⁴, os aspectos discursivos do texto indicam que a concepção de gênero social apresentada é ainda reducionista ao trazer para a discussão somente as vozes do Papa e de uma única representante de um movimento GLBT da Inglaterra, e ao descon siderar uma discussão que promovesse a desnaturalização dos papéis sociais do homem e da mulher nas relações de gênero em função do sexo biológico.

Se considerarmos a escola como um microcosmo da sociedade, onde convivem indivíduos de diferentes faixas etárias, raças, orientações sexuais e classes sociais (MOITA LOPES, 2002), cabe ao leitor se posicionar diante dos conceitos de gênero e identidade propostos no texto. Nesse sentido, o modo como o leitor lê o texto, assumindo um papel submisso ou um papel crítico, reflete um modo de viver no mundo (WALLACE, 2003, p. 7). Portanto, no processo de leitura, a linguagem deve ser concebida como um fenômeno social, ao oferecer um conjunto de recursos semióticos, que possibilita o acesso do aluno a outras formas de ver o mundo, a novas identidades e papéis sociais. A linguagem é parte integral dos processos sociais e, conseqüentemente, a gramática e o significado devem ser tomados como categorias de análise inter-relacionadas. Considerando tais questões, compartilhamos da visão de Moita Lopes de que o papel da escola é ampliar o horizonte discursivo de seus alunos tanto na sua experiência diária, situada, quanto nas experiências diversas do mundo às quais ele pode ser exposto:

a sala de aula possui o papel de desenvolver a estrutura cognitiva do aprendiz, ampliando a gama de experiências às quais ele é exposto num sentido micro (espaço social imediato) e macro (espaços nacionais e internacionais) (2002, p. 200).

Problematizar em sala de aula, por meio de textos da mídia, questões relativas ao gênero social, de forma a desconstruir representações hegemônicas (como a de homem branco, heterossexual, classe média, viril) é uma maneira eficiente de amenizar relações desiguais de poder que envolvem preconceito e exclusão social.

RESUMO

A linguagem, seja escrita, audiovisual, corporal, é um recurso simbólico indispensável para a construção de “realidades”

¹⁴ “This article has been amended to make it clear the Pope made no direct reference to homosexuals or transsexuals” – 1.40-41 (“Este artigo foi editado de forma a tornar claro que o Papa não fez referência direta aos homossexuais ou transexuais”).

possíveis e identidades para a mediação das atividades desempenhadas por determinados grupos sociais em contextos específicos (GEE, 2000). Por meio de gêneros discursivos, as pessoas agem no mundo de forma a privilegiar determinadas práticas sociais em detrimento de outras. Numa perspectiva crítica, cabe ao professor de línguas promover o questionamento de práticas sociais hegemônicas, tais como aquelas relacionadas ao papel das mulheres na sociedade e aos estereótipos hetero/homossexuais dominantes, de forma a desnaturalizar ideologias de senso comum (FAIRCLOUGH, 1992). O objetivo deste trabalho é analisar criticamente o texto midiático 'Pope attacks blurring of gender', como uma etapa preliminar, a fim de se discutir identidade de gênero na aula de leitura em língua estrangeira. Para realizar uma leitura crítica do texto, exploraremos dois conjuntos de questionamentos gerais, adaptados de Meurer (2002), de forma a guiar o professor numa análise crítica pré-pedagógica do texto, previamente à elaboração de atividades didáticas de leitura. São eles: 1) Como o texto apresenta/representa o conceito de gênero social para o leitor? Quais discursos estão envolvidos no texto? Esses discursos reforçam ou criticam uma visão tradicional de gênero social? 2) Quais identidades e papéis sociais são representados nesse texto? Que tipo de relações sociais esse texto reflete ou provoca? Por fim, argumentaremos sobre as implicações e a necessidade de se discutir identidade de gênero sob uma perspectiva crítica no ensino de línguas.

Palavras-chave: Identidade de gênero; Análise Crítica do Discurso; Ensino de leitura em língua estrangeira.

ABSTRACT

Language, in its different manifestations (written, audiovisual, body language, etc.), is an indispensable symbolic resource for the construction of possible 'realities' and identities for the mediation of social activities performed by social groups in specific social contexts (GEE, 2000). Through genres, people act in the world in favor of certain social practices instead of others. In a critical perspective, a language teacher is in charge of promoting classroom debates by questioning hegemonic social practices, such as those regarding the role of women in society as well as the dominant hetero/homosexual stereotypes, in order to end up with common-sense ideologies (FAIRCLOUGH, 1992). This work aims at critically analyzing the text 'Pope attacks blurring of gender', as a way of discussing gender identity in a foreign language classroom context. To accomplish this objective, we will explore two general questions, adapted from Meurer (2002), to guide teachers during their

critical pedagogical analysis of the text before the elaboration of reading activities: 1) How does the author (re)present the concept of gender to the reader? Which discourses are involved in the text? Do such discourses reinforce or criticize a traditional view of gender? 2) Which identities and social roles this text reflects or provokes? Some implications about exploring the concept of gender in the classroom and the need for a critical perspective on language teaching will be discussed in the last part of the paper.

Keywords: Gender identity; Critical Discourse Analysis; EFL reading.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Organizado por A. P. Dionísio & J. C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.
- BRONCKART, J. P.; MACHADO, A. R. Procedimentos de análise de textos sobre o trabalho educacional. In: MACHADO, A. R. (Org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: EDUEL, 2004. p. 131-163.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>> Acesso em: 20/06/ 2009.
- BUTLER, J. P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CALDAS-COULTHARD, C. R. *News as social practice: a study in Critical Discourse Analysis*. Florianópolis: Pós-graduação em Inglês/UFSC, 1997.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- EGGINS, S. *An introduction to Systemic-functional Linguistics*. Londres: Pinter Publishers, 1994.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, N. Critical Discourse Analysis as a method in social scientific research. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage, 2001.
- GEE, J. P. *An introduction to discourse analysis: theory and method*. Londres: Routledge, 2000.
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: amor, sexualidade e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.
- GIDDENS, A. Modernity and self-identity: tribulations of the self. In: JAWORSKI, A.; COUPLAND, N. (Eds.). *The discourse reader*. Londres: Routledge, 1999. p. 415-427.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.
- HALLIDAY, M. A. K. Part A. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: Aspects of language in a social semiotic perspective*. Austrália: Deakin University Press, 1989. p. 3-48.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 3 ed. Revisão: Christian Matthiessen. Londres: Hooder Arnold, 1994/2004.

MEURER, J. L. Reflexões sobre o ensino: Três perguntas não-mistificadoras que você pode aplicar aos textos que traz para a sala de aula. In: COSTA, M. J. D.; ZIPSER, M. E.; ZANATTA, M.; MENDES, A. (Orgs.). *Linguas: Ensino e ações*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas*. A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOTTA-ROTH, D. *Brasil para principiantes: uma análise crítica do discurso sobre 'nós' e os 'outros'*. Trabalho apresentado no VII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal e I Simpósio Internacional de Análise Crítica do Discurso. Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2004.

THOMPSON, J. *The media and modernity*. Cambridge: Polity Press, 1995.

WALLACE, C. Critical literacy awareness in the EFL classroom. In: FAIRCLOUGH, N. (Ed.) *Critical language awareness*. Essex: Longman, 1992. p. 59-92.

WALLACE, C. *Critical reading in language education*. Palgrave Macmillan, 2003.

WODAK, R. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. In: _____. *Linguagem em (Dis)curso* – Tubarão, SC, v. 4, 2004.

Submetido em: 01/11/2009

Aceito em: 06/04/2010

ANEXO

Pope attacks blurring of gender

Pope Benedict XVI has suggested that the need to save mankind from a destructive blurring of gender roles is as important as saving the rainforests.

1 He explained that defending God's creation was not limited to saving the
environment,
2 but also about protecting man from self-destruction.

3 The Pope was delivering his end-of-year address to senior Vatican staff.

4 His words, later released to the media, emphasized his rejection of gender
theory.

5 Speaking on Monday, Pope Benedict XVI warned that gender theory
blurred the

6 distinction between male and female and thus could lead to the “self-
7 -destruction” of the
8 human race.

8 The speech has provoked anger from campaigners, who have interpreted
9 the remarks as
10 a call to save mankind from homosexuals and transsexuals.

10 **Gender theory**

11 Gender theory explores sexual orientation, the roles assigned by society to
12 individuals
13 according to their gender, and how people perceive
14 their biological identity.

14 Gay and transsexual groups, particularly in the
15 United States, promote it as a key to understanding
16 and tolerance, but the Pope disagreed.

17 When the Roman Catholic Church defends God’s
18 Creation, “it does not only defend the earth, water
19 and the air... but (it) also protects man from his own
20 destruction,” he said.

21 “Rainforests deserve, yes, our protection, but the human being ... does not
22 deserve it
23 less,” the pontiff said.

23 It is not “out-of-date metaphysics” to “speak of human nature as ‘man’ or
24 ‘woman’”, he
25 told scores of prelates gathered in the Vatican’s sumptuous Clementine
26 Hall.

25 “We need something like human ecology, meant in the right way.”

26 The Catholic Church opposes gay marriage. It teaches that while
27 homosexuality is not
28 sinful, homosexual acts are.

28 Rev Sharon Ferguson, chief executive of Britain’s Lesbian and
Gay Christian

29 Movement, described the Pope's remarks as "totally irresponsible and
unacceptable".

30 "When you have religious leaders like that making that sort of statement
then followers
31 feel they are justified in behaving in an aggressive and violent way," she
said.

32 **'Rock festival'**

33 The pope uses his traditional end-of-year speech to offer his Christmas
greetings and
34 say a few words about what he considers the important issues of the day.

35 This year, Pope Benedict also deplored the tendency to depict the Catholic
church's
36 World Youth Day, which he attended in Sydney earlier this year, as mere
spectacle.

37 He stressed that the event should not be considered a "variant of modern
youth culture,
38 as a kind of ecclesiastical rock festival with the Pope as the star," but as
the fruition of a
39 "long exterior and interior path".

40 *This article has been amended to make it clear the Pope made no direct
reference to
41 homosexuals or transsexuals.*

Source: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/7796663.stm>>